

Marco Aurélio dos Santos

Geografia da escravidão no Vale do Paraíba cafeeiro

Bananal, 1850-1888



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	41
“(...) E tudo isso a tempo e a hora!”: A geografia senhorial em Bananal	
CAPÍTULO II	107
Mobilidade escrava, vizinhança e redes de relacionamentos	
CAPÍTULO III	143
Os usos do espaço de plantação e a resistência escrava	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	203
FONTES E BIBLIOGRAFIA	207

APRESENTAÇÃO

Este estudo é uma versão modificada de minha tese de doutorado em História Social, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) no ano de 2014. Ao longo de cerca de cinco anos, contei com a colaboração de diversas pessoas, que me auxiliaram, direta ou indiretamente, para terminar este trabalho. Nesse sentido, gostaria de agradecer, em primeiro lugar, minha esposa Clarissa e meus filhos Tomás e Tarsila. Eles foram de fundamental importância para que eu pudesse me sentir motivado a terminar um trabalho árduo e que foi feito de modo honesto. Lutei muito por esta pesquisa e eles se sacrificaram por causa da minha necessidade de ficar isolado, estudando. Também devo agradecer minha mãe, Maria José, que me ajudou a conferir inventários de alguns proprietários de Bananal e lembrar a memória de meu pai, Mauricio dos Santos, que faleceu durante a minha empreitada.

Gostaria de agradecer aos meus tios Kid e Ademar, e minha tia Aragua – *in memoriam* –, todos de Cruzeiro. Sempre que eu precisei viajar, as portas de suas casas estiveram abertas para mim. Isso sem dúvida foi um facilitador para as pesquisas no Museu Histórico e Pedagógico Major Dias Novaes. Também tenho de agradecer ao colega do museu Carlos Felipe do Nascimento que sempre me recebeu e me ajudou, disponibilizando, desde o primeiro dia, o acervo do museu para minhas pesquisas.

Também sou grato ao amigo Breno Aparecido Servidone Moreno, que muitas vezes me auxiliou e sempre me disponibilizou seu Bando de Dados. Viajamos juntos muitas vezes para realizarmos nossas pesquisas e daí se desenvolveu uma boa amizade. Aos amigos do grupo de estudos que leram e fizeram apontamentos críticos Tâmis Parron, Waldomiro Lourenço da Silva Junior, Priscila Lima, Marcelo Ferraro, Felipe Landim e Gabriel Aladrén.

Tenho de realizar um agradecimento especial ao meu orientador, Rafael de Bivar Marquese, que me recebeu em sua sala no início de 2008 e sempre me auxiliou. Aprendi muito nesses anos de pesquisa e o Rafael foi de fundamental importância nesse processo. Tiro do relacionamento orientador-orientando uma boa amizade e um amadurecimento intelectual que nunca me abandonará.

Gostaria de agradecer ao professor Ricardo Salles por ter esclarecido inúmeras dúvidas. Trocamos vários *e-mails* ao longo desses anos e sua atenção merece elogios. Também sou grato à professora Maria Cristina Cortez Wissenbach e ao professor Carlos de Almeida Prado Bacellar, que participaram de minha banca de qualificação e fizeram inúmeros e proveitosos comentários.

Por fim, o apoio financeiro do CNPq foi crucial para a realização deste trabalho de pesquisa. Este auxílio é importante para que o pesquisador possa ter meios para desenvolver seu trabalho científico.

INTRODUÇÃO

É a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida. (...) Tudo o que não retira sua significação desse comércio com o homem, é incapaz de um movimento próprio, não pode participar de nenhum movimento contraditório, de nenhuma dialética.

Uma casa vazia ou um terreno baldio, um lago, uma floresta, uma montanha não participam do processo dialético senão porque lhes são atribuídos determinados valores, isto é, quando são transformados em espaço. O simples fato de existirem como formas, isto é, como paisagem, não basta. A forma já utilizada é coisa diferente, pois seu conteúdo é social. Ela se torna espaço, porque forma-conteúdo.¹

No dia 19 de setembro de 1881, por volta das cinco horas da manhã, o escravo Marcolino feriu, na fazenda do Resgate, seus parceiros Clemente e Lourenço. No dia 10 de outubro do mesmo ano, a proprietária desses escravos, d. Domiciana Maria de Almeida Vallim, prestou depoimento e afirmou que

era de madrugada e achava-se ainda no seu quarto, quando ouvido barulho e choro e *tendo vindo uma preta lhe pedir a chave do hospital*, tratou de indagar o que havia e soube a princípio por alguns escravos que haviam morto a Lourenço. Pouco depois dirigiu-se ao hospital e encontrou a Lourenço apenas ferido e inquirindo do autor do ferimento soube do mesmo Lourenço que tinha sido o acusado [Marcolino].

1 SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Ed. USP, 2006 p. 109.

Indagada sobre o motivo que teria levado Marcolino a cometer esse crime, d. Domiciana respondeu que

os escravos da fazenda têm ordem de não voltarem mais às senzalas, depois da forma ou revista, e como o acusado infligisse [sic] essa ordem foi avisado por Lourenço para que acompanhasse seus parceiros que vinham trabalhar na fazenda das Três Barras. Nessa ocasião, se bem se recorda, Lourenço deu no acusado uma relhada sendo esse o motivo que levou o mesmo acusado a feri-lo com uma faca pequena.²

Deixando de lado o crime propriamente enunciado, o depoimento de D. Domiciana explicita que das várias exigências disciplinares que existiam na fazenda do Resgate, era vedado aos escravos o retorno às senzalas após a forma ou revista. Mais ainda, a fala da proprietária mostra como foi comum uma ordem verbal ser acompanhada por uma punição física (no caso em questão, a “relhada”). Características marcantes e mesmo óbvias de relações de poder que se apoiam na violência. Contudo, um aspecto de fundamental importância vem sendo trabalhado de forma apenas circunstancial, qual seja, a organização do espaço como um mecanismo para auxiliar o cumprimento das normas disciplinares e facilitar o bom funcionamento dos trabalhos. No processo em questão, fica evidente que numa fazenda de café o hospital era um lugar que deveria ser controlado. O hospital ficava trancado e uma escrava de d. Domiciana teve de se dirigir ao quarto dela, ainda de madrugada, para solicitar a chave que se encontrava em poder da proprietária da fazenda do Resgate. Só assim seria possível abrir o hospital.

A historiografia sobre a escravidão há muito tempo investiga as formas de controle e as ações de resistência dos escravos. São dois temas correlatos e cruciais para a compreensão da realidade escravista. Com base em inúmeras fontes documentais, especialmente os processos criminais, os periódicos, os relatórios de presidentes de província, entre outras, os historiadores perscrutaram, sob diferentes perspectivas, a importância daqueles dois assuntos. Esses temas verificaram um grande salto qualitativo a partir da década de 1980 quando diversos pesquisadores apresentaram no-

2 Museu Histórico e Pedagógico Major Dias Novais – Cruzeiro–SP (doravante MMN)/ Caixa 44/ nº de ordem 943. (grifos meus)